



DEVOCIONAIS
PARA TODAS AS ESTAÇÕES
— meditações diárias —





ELBEN M. LENZ CÉSAR, org.

DEVOCIONAIS
PARA TODAS AS ESTAÇÕES
— meditações diárias —

[2ª edição]



Editora Ultimato
Viçosa, MG

DEVOCIONAIS PARA TODAS AS ESTAÇÕES
Categoria: Inspiração / Vida Cristã / Espiritualidade

Copyright © 2009, Editora Ultimato
Todos os direitos reservados

Segunda edição: Novembro de 2009
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Preparação e revisão de texto: Délnia M. C. Bastos
Lissânder Dias
Finalização: Gláucia Siqueira
Capa: Caio Campana

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

D498 Devocionais para todas as estações:
2009 meditações diárias / Organizador Elben M. Lenz César –
2. ed. – Viçosa, MG, 2009.

376p. ; 18cm.

ISBN

1. Devoções. 2 .Bíblia – Meditações. 3. Literatura
devocional. I. César, Elben M. Lenz.

CDD 22.ed. 242.5

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

Autoria das devocionais

Amauri Munguba Cardoso — 13 a 17 de janeiro; 2 de maio;
9 de setembro.

Antônio Carlos de Azeredo — 22 a 31 de agosto.

Ariovaldo Ramos — 24 de abril; 15 a 18 e 27 de dezembro.

Carlos Caldas Ribeiro Filho — 11 a 26 de março.

Djanira Momesso César — 8, 9, 11 e 12 de novembro.

Elben M. Lenz César — 1, 2, 4 a 6, 12 e 23 de janeiro;
1º a 29 de fevereiro; 1 a 7 e 27 a 31 de março; 9, 11 a 13,
15 a 19, 22, 23 e 25 a 30 de abril; 1º, 3, 14, 15 e 17 a 24 de
maio; 1º a 30 de junho; 1º a 31 de julho; 17 a 21 de agosto;
1º a 8, 10, 15 a 19 e 28 a 30 de setembro; 1º a 31 de outubro;
1º a 7, 10, 13 a 16 e 18 a 30 de novembro; 10 a 14, 25, 28 e
31 de dezembro.

Elizabeth Stowell Gomes — 9 de março, 2 a 6 e 14 a 16 de
agosto; 17 de novembro.

Guilherme Kerr Neto — 7 a 11 de janeiro; 1º de agosto.

Joel Tibúrcio de Souza — 1º a 8 de abril; 30 de dezembro.

Joyce Every-Clayton — 1º a 9 de dezembro.

Karin Helen Wondraceck — 24 e 26 a 28 de janeiro;
8 de março; 31 de maio.

Kléos Magalhães Lenz César — 3 e 29 a 31 de janeiro;
10 de março; 20 e 21 de abril; 11 e 27 de setembro;
24 de dezembro.

Margaretha Adiwardana — 25 de janeiro; 25 a 30 de maio.

Marta Kerr Carriker — 12 a 14 de setembro;
19 a 23 de dezembro.

Ricardo Agreste — 20 a 26 de setembro.

Rubem Martins Amorese — 18 a 22 de janeiro;
10 e 14 de abril; 16 de maio; 26 e 29 de dezembro.

Silvana Pinheiro Taets — 7 a 13 de agosto.

Wadislau Martins Gomes — 4 a 13 de maio.

As devocionais de 1º a 31 de outubro foram publicadas originalmente em *Cada Dia* (vol. 11, nº 4), pela Luz para o Caminho Publicações.

ABREVIACÕES

BLH — A Bíblia na Linguagem de Hoje

BV — A Bíblia Viva

BJ — A Bíblia de Jerusalém

NVI — Nova Versão Internacional (Novo Testamento)

TEB — Tradução Ecumênica da Bíblia

As referências bíblicas não seguidas de indicação foram, em sua maioria, retiradas da Edição Revista e Atualizada da tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida.

Prefácio

Por melhor que seja, um devocionário não deve substituir a leitura pessoal bem feita da Bíblia. Qualquer devocionário sério é escrito sob a influência das Escrituras Sagradas. Quem lê um devocionário está se beneficiando da leitura e da reflexão que alguém fez da Bíblia. Portanto, o ideal é que cada crente em Jesus vá diretamente à fonte e beba a sós da água da vida. Dessa saudável providência, resultará uma proveitosa comunhão com Deus, que trará em seu bojo preciosidades, como alegria, alívio, certezas, segurança emocional e muita vontade de orar.

É aconselhável, portanto, não restringir o exercício devocional à leitura de um devocionário. Juntem-se, pois, a leitura do devocionário e a leitura da Bíblia e teremos uma boa medida. Os que têm o dom de catar as belezas da Palavra de Deus são obrigados pela lei do evangelho a repartir o que, com a graça de Deus, colheram. E, assim, todos são abençoados.

É com esse propósito que a Editora Ultimato coloca em circulação a segunda edição de *Devocionais para Todas as Estações*, agora no formato de bolso, mais prático para você levar aonde for. Todos os autores estão de alguma forma ligados ao ministério da Editora Ultimato. Alguns são ou foram colaboradores (regulares ou ocasionais) da revista *Ultimato*; outros são autores de livros publicados pela editora. Em alguns casos, as devocionais são sequenciais por temas ou por capítulos da Bíblia. Em outros, elas relacionam-se a datas especiais, como Páscoa, Natal e Ano Novo.

Quando escrevemos *Devocionais para Todas as Estações*, não estamos pensando apenas no ano inteiro: no verão e no inverno, no outono e na primavera. Estamos pensando também em todas as estações emocionais pelas quais invariavelmente passamos: a tempestade e a bonança, a tristeza e a alegria, a escassez e a fartura, a solidão e a comunhão, a doença e a saúde. Em todas as estações precisamos de alimento sólido para não nos sentirmos miseráveis nem soberbos. Precisamos atravessar as diferentes estações do ano e as diferentes estações da alma, segurando sempre a mão de Deus, em direção ao alvo, ao “prêmio da chamada celestial de Deus em Cristo Jesus” (Ep 3.14, NVI).

A tendência humana é interessar-se mais pela aparência do que pelo que está escondido. Contudo, o fruto, sua quantidade e qualidade dependem da raiz, daquilo que não se vê. Raízes na profundidade e frutos no topo significam seriedade no relacionamento com Deus, piedade pessoal autêntica, vida devocional rica, compromisso permanente, renúncia do que atrapalha a comunhão com Deus, apego a Jesus Cristo e confiança absoluta em Deus. *Devocionais para Todas as Estações* tem o propósito de gerar raízes em baixo para que haja abundância de frutos em cima. Deus nos abençoe!

Elben M. Lenz César
Organizador

Deus não é difícil: uma certeza para o novo ano

Se o buscarem, ele deixará que o encontrem.

2 CRÔNICAS 15.2

Deus não é difícil! Mesmo sendo majestoso, santo, glorioso, poderoso e temível, ele se deixa encontrar (2Cr 15.2).

A porta dos céus está sempre aberta. Não há necessidade de credenciais nem de intermediários. A única dificuldade é a falta de interesse, de iniciativa, de coragem, de sinceridade.

O mesmo texto que afirma que Deus não é difícil encoraja a busca. Numa linguagem sem rodeios, o contrário de busca é abandono: “Se o buscarem, ele deixará que o encontrem, mas, se o abandonarem, ele os abandonará” (2Cr 15.2). O verbo buscar nesse sentido aparece cinco vezes nesse capítulo (15.2, 4, 12-13, 15) e em várias outras passagens das Escrituras. Uma das mais conhecidas é esta: “Busquem o Senhor enquanto é possível achá-lo; clamem por ele enquanto está perto” (Is 55.6, NVI).

Na época do rei Asa (906–878 a.C.), os israelitas “fizeram um acordo de todo o coração e de toda a alma de buscar o Senhor, o Deus dos seus antepassados”. E, porque o buscaram com a melhor disposição, “ele deixou que o encontrassem e lhes concedeu paz em suas fronteiras” (2Cr 15.12, 15).

Mesmo sendo uma rotina que se celebra de doze em doze meses, a entrada de um novo ano sempre traz um desafio novo ou a renovação de um desafio não alcançado no ano anterior. A firme decisão de buscar o Senhor “com a melhor disposição” pode tornar este novo ano o melhor ano de nossa vida!

A era da descontinuidade

O Senhor te guardará de todo o mal; guardará a tua alma. O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.

SALMOS 121.7-8

Vivemos numa época de incrível avanço tecnológico. Estamos numa era nova. Embora no presente, estamos também no futuro. Naquele futuro descrito por antecipação e muito esperado.

Sem nome oficial, os mais tímidos já chamaram esta nova era de *era lunar*, e os mais ousados, de *era do infinito*. Há quem ache mais acertado denominá-la de *era da descontinuidade*, porque “a sociedade civilizada está se afastando de alguns dos velhos rumos que lhe deram forma e se coloca sob a influência de novas orientações”. Seja qual for o nome, essa nova era deve desenvolver-se dentro da era cristã. Esta não pode ceder lugar àquela. A herança cristã não pode ser jogada fora. Precisamos dela. As conquistas tecnológicas não são mais importantes nem mais sensacionais que a encarnação do Verbo. Sob a perspectiva mais ampla, que vê a história de eternidade a eternidade, a plenitude do tempo não é a que vivemos hoje. O momento mais importante da história foi quando Deus enviou seu Filho ao homem para ser Emanuel, que quer dizer “Deus conosco” (Gl 4.4; Mt 1.23). Há mais de 2 mil anos!

Olhemos para os montes, as estrelas, os céus. O nosso socorro virá daquela direção, procederá do espaço. Todavia não do *homo sideralis*, nem da ciência, da Lua ou de Marte. O nosso socorro “vem do Senhor, que fez o céu e a terra” (Sl 121.2)!

A oração do novo ano

Vejo que este que passa sempre por nós é santo homem de Deus.

2 REIS 4.9

No início deste novo ano, elevo a ti, Senhor, minha súplica: Que eu ande fielmente em tua presença, jamais me afastando de ti, circunstância alguma;

Que neste mundo tenebroso, violento e instável resplandeça em mim Jesus, a luz do mundo;

Que eu me conserve puro, jamais me atole nesse lamaçal de imoralidade em que se afunda o mundo em volta;

Que, confiando plenamente em ti, meus temores todos se dissipem, e nada me faça recuar;

Que eu jamais me envergonhe de ser teu filho, eleito e agraciado, mensageiro do reino;

Que eu jamais esmoreça no exercício da missão que me confiaste. Que me mantenha resoluto e firme, dinâmico e incansável, aceito por Jesus como servo bom e fiel;

Que eu te ame em primeiro lugar, depois a mim mesmo e ao meu próximo. Que nenhum ressentimento encontre guarida em meu coração. Que eu perdoe sempre, “setenta vezes sete” ou quantas vezes for preciso;

Que, embora não saiba quando Jesus voltará, eu esteja sempre alerta, aguardando o noivo com lamparinas abastecidas. Todavia, se te convier levar-me antes que o teu Filho volte, também nisto seja magnificado o teu nome;

Que, enquanto viver, eu ajude meu semelhante a minorar as desditas da nossa sociedade. Que o mundo ao meu redor seja, pelo menos, um pouco melhor;

Que, exaltando-te, possam todos dizer: “Ela disse ao seu marido: – Tenho a certeza de que esse homem que vem sempre aqui é um santo homem de Deus.” (2Rs 4.9, NTLH).

Autoajuda ou comunhão com Deus?

Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.

1 JOÃO 1.3

Mais importante que regras de autoajuda é a comunhão com Deus. Enquanto a autoajuda é um exercício mental, a comunhão com Deus é um exercício espiritual. Na primeira, Deus é um figurante, quando necessário; na segunda, ele é o centro de tudo.

O relacionamento entre pais e filhos, entre marido e mulher, entre amigos verdadeiros, é de suma importância. Porém nada é mais sublime do que a comunhão com Deus, pois é o relacionamento da criatura com o Criador.

A comunhão com Deus começa quando o buscamos com toda a sinceridade e todo o afinho, por meio da fé. Vai se firmando e se mantendo com exercícios devocionais, como a leitura meditativa das Escrituras Sagradas e a oração. Além do valor intrínseco da Palavra, o Espírito Santo se serve dela para produzir em nós alegria, amor, certeza, consolo, entusiasmo, esperança, paz de espírito, segurança e vigor. A oração completa o que a leitura das Escrituras começa a fazer. Ela promove a comunhão com Deus porque orar é entrar no Santo dos santos para colocar-se na presença do próprio Deus em espírito, valendo-se do sacrifício vicário de Cristo, e falar com ele com toda a liberdade.

Outro elemento central na construção e permanência da comunhão com Deus é a igualdade de objetivos e de comportamento. Daí a pergunta: “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?” (Am 3.3). Precisamos ser santos porque ele é santo (1Pe 1.15-16).

O Pai Desconhecido

Portanto, orem assim: “Pai nosso, que estás no céu...”

MATEUS 6.9, NTLH

Talvez a nossa dificuldade em nos relacionarmos com Deus como nosso *Pai* seja porque nos tenham comunicado apenas a sua santidade, e não a sua misericórdia; apenas a sua severidade, e não a sua bondade; apenas o seu castigo, e não o seu perdão.

Jesus fez um esforço constante para nos passar a ideia da paternidade de Deus. Ele se dirigia aos discípulos referindo-se sempre a Deus como “o vosso Pai” ou “o teu Pai”. Só no Sermão do Monte (Mt 5), essa expressão aparece quinze vezes. A palavra mais encorajadora está no modelo de oração que Jesus oferece: “Portanto, orem assim: ‘*Pai* nosso, que estás no céu...’” (Mt 6.9, NTLH).

O apóstolo Paulo também garante que Deus é “nosso Pai” e “Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (2Co 1.2-3). Assim, ele declara com ênfase: “Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8.17).

Nosso relacionamento com Deus não é uma relação com uma força impessoal, mas com um Deus que nos permite chamá-lo de *Pai* (Rm 8.15). Para que não haja dúvida, “o Espírito de Deus se une com o nosso espírito para afirmar que somos filhos de Deus” (Rm 8.16, NTLH).

Se Deus é nosso Pai, então podemos chorar na presença dele, confessar pecados e pedir perdão, segurar a sua mão e nos colocar a caminho.

O grande desafio de Paulo no areópago era apresentar o Deus Desconhecido aos atenienses (At 17.23) e nas cartas é apresentar o Pai Desconhecido aos crentes.

Perigoso apagão

Você costuma ouvir o conselho secreto de Deus?

JÓ 15.8

“Você sufoca a piedade e diminui a devoção a Deus” (Jó 15.4). À luz do contexto, esta acusação de Elifaz ao amigo Jó foi severa, injusta e inoportuna. Mas ela pode ser justa e necessária em outros casos. Quem não dedica tempo para ouvir a voz de Deus está depreciando a devida devoção a ele.

O cristão não consegue sobreviver sem os exercícios devocionais. Assim como uma adolescente que não come para não engordar pode morrer de anorexia, também aquele que não satisfaz sua fome de Deus acaba perdendo o interesse por ele.

Elifaz interroga o amigo: “Você costuma ouvir o conselho secreto de Deus?” (Jó 15.8). Aquele que sufoca a piedade diminui a devoção, e não tem como ouvir a voz de Deus. Deixar de ouvir o conselho de Deus é loucura. Por meio de sua voz, ele consola quando há tristeza, mostra o caminho quando há confusão mental, anima quando há desânimo, acusa quando há pecado, perdoa quando há arrependimento.

Há uma correlação entre a palavra de Elifaz e a parábola do semeador. No caso da semente lançada entre espinhos, foram “a preocupação desta vida e o engano das riquezas” que sufocaram a semente do evangelho, tornando-a infrutífera (Mt 13.22). Essas mesmas coisas sufocam também a piedade religiosa. A correria é tal que não há tempo nem para ouvir a voz de Deus nem para falar com ele. E, por absurdo que pareça, às vezes é a correria eclesial que atravanca o exercício da piedade, dando lugar a mero ativismo.

Chamados para servir

[Cristo] nos livrou de nossos pecados e fez de nós um reino de sacerdotes para servir ao seu Deus e Pai.

APOCALIPSE 1.5-6

Aprendemos, desde cedo, na escola e mesmo em casa, que o mundo tem dois tipos de pessoas: os que mandam e os que obedecem. Se você quiser ser bem-sucedido e “dar certo” na vida, escolha o lado “vencedor”. Esteja entre os que mandam e são servidos, entre aqueles que têm muitas pessoas à sua disposição e aqueles que, devido à sua escolaridade, carisma, família, poder político ou econômico, comandam os destinos das pessoas.

O ensino de Cristo é totalmente oposto. Não que ele se oponha à necessidade de líderes e modelos; mas ele redefine a tarefa de liderar. Veja a declaração radical que o Senhor faz: “Quem quiser ser o maior entre vós seja o que vos serve e quem quiser ser o primeiro seja servo de todos os demais” (Mc 10.43-44).

Quando entendemos que cada um de nós é chamado para ser um sacerdote, uma ponte que liga Deus aos homens e os homens a Deus, e que este chamado se estende a todos os cristãos e não apenas aos pastores, ministros e missionários, então percebemos que nada menos se exige de nós do que uma vida de serviço. Serviço dedicado, alegre, voluntário e completo ao Deus da nossa vida e a todos aqueles que, longe ou perto de nós, ainda carecem do seu maravilhoso amor.

“Quem não vive para servir não serve para viver!” Uma frase forte e talvez um pouco radical, mas que contém boa dose de verdade. Viva para servir!

Sacerdotes

Nos constituíu sacerdotes.

APOCALIPSE 1.6

Nas brincadeiras de rua da infância havia um apelido que ninguém gostava de receber. Quando apostávamos corrida dizíamos: “Vamos ver quem chega primeiro até aquela esquina; o último a chegar é ‘filho do padre!’” “Filho do padre” era uma maneira menos agressiva de chamar de filho bastardo ou filho nascido fora do casamento. Isso no meio da vizinhança basicamente católica. Nossa família era de minoria evangélica. Mas os padres estavam em baixa. Ninguém queria ser sacerdote!

O tempo passou e eu acabei me tornando pastor, título que costumava carregar certo respeito. Mas com falcatruas pra cá, escândalos pra lá, as vocações estão em baixa. Ninguém quer ser sacerdote.

Os primeiros versos do livro de Apocalipse nos fazem mudar radicalmente de visão. Lembram que Cristo nos libertou da escravidão do pecado para nos tornar um reino de sacerdotes. Isso significa que todos os cristãos têm o mesmo chamado – ser sacerdotes. Só para lembrar: o sacerdote é a pessoa responsável pelo culto a Deus, por não deixá-lo morrer, por cuidar dos detalhes, por manter acesa a chama da fé, o respeito a Deus, o amor ao Pai e ao próximo. O sacerdote cuida também da adoração, de tudo na nossa vida que a faz retornar em gratidão ao Senhor e dizer: “O Senhor tem sido bom para comigo, louvado seja o seu nome”.

Se você ainda não conhecia sua vocação, agora já sabe – ser sacerdote. Deus o abençoe!

Ele nos ama

Aquele que nos ama e que a si mesmo se entregou por nós.
APOCALIPSE 1.5

A alegria tomava conta de nós toda vez que ficávamos sabendo que vó Lólia e vô Dantes viriam nos visitar. A vó e o vô eram sempre muito carinhosos: não me lembro de nenhuma vez que não tenham trazido algum tipo de “agrado” para cada um dos seis netos: uma bala, um “sonho de valsa”, uma lembrancinha qualquer. O vovô não cansava de nos querer “educar” (como ele dizia), lendo partes do jornal e das histórias de Tarzan, que os netos “bebiam” ao redor do sofá da sala. É sempre uma alegria receber alguém que nos ama (e que a gente também aprende a amar e a respeitar).

Apocalipse nos mostra Jesus; amplia a imagem que temos dele a partir dos Evangelhos e nos diz duas coisas importantíssimas.

Primeiro, diz que ele *nos ama* — que coisa boa! Tem gente que lê o Apocalipse cheio de medo, apavorado com o juízo final, o fim do mundo, os castigos de Deus e os cavalos e cavaleiros que espalham destruição e terror. Quem conhece a Jesus sabe que é diferente e fica na expectativa de que aquele que vem vindo com as nuvens é o mesmo que nos ama.

Segundo, diz que ele *a si mesmo se entregou por nós* — ninguém teve de convencer Jesus a amar você. Não é por constrangimento, dó ou por falta de alternativa. Ele nos ama porque quer. É um ato da sua vontade soberana que mostra claramente o tamanho e a profundidade do seu amor para conosco.

Alegre-se com a vinda de Jesus. O cavaleiro do céu, justo e verdadeiro, é também seu amigo.

A volta de Cristo

Olhem, ele vem com as nuvens! Todos o verão, até mesmo os que o atravessaram com a lança. Todos os povos do mundo chorarão por causa dele. Certamente será assim! Amém.

APOCALIPSE 1.7

Sobre a volta de Cristo, a Bíblia afirma que não sabemos o dia ou a hora.

Não sabemos quantas pessoas se afastarão da fé, mas serão muitas, ou Jesus não teria perguntado: “quando vier o Filho do Homem, porventura encontrará fé na terra?”

Não sabemos quantos sofrerão ou morrerão pelo testemunho cristão, mas com certeza haverá sofrimento como nunca. Seria insuportável, se não fosse abreviado por amor dos cristãos!

O livro de Apocalipse, apesar de estranho, nos apresenta um quadro de muita esperança. Ele foi escrito para as igrejas em sofrimento, para animá-las a prosseguir, e nos dá quatro certezas sobre o retorno do Senhor:

Primeiro, Cristo vem, do mesmo modo que foi (envolvido nas nuvens do céu).

Segundo, todos o verão. Sua volta não será escondida, mas resplendente e barulhenta (como o soar da trombeta e a voz do arcanjo).

Terceiro, quem estiver vivo o verá “ao vivo”; quem estiver morto se levantará para olhá-lo face a face. Até os que lhe atravessaram a lança!

Quarto, todos os povos chorarão por causa dele. Choro de alegria e alívio para quem aguarda a sua vinda, e de desespero e horror para quem têm desprezado Cristo e sua bondade.

João encerra com as palavras: “Certamente será assim! Amém.” Amém, em hebraico, significa “assim será”. Não tenha dúvida: assim será porque assim será.

Sem pé nem cabeça

Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor Todo-poderoso, que é, que era e que há de vir.

APOCALIPSE 1.8

Aquele que segue a escola de filosofia chamada existencialismo não vê nenhum sentido para a vida. Mesmo assim continua vivendo — como e quando dá (porque alguns dão fim às suas próprias vidas). Para os mais radicais, não existe Deus.

O existencialista crê que o homem não vem de lugar nenhum — surgiu por acaso, depois de bilhões de anos de coincidências fabulosas, e evoluiu de alguma espécie mais primitiva de vida. Não vem nem vai para lugar algum. Um dia se acabará. Só isso. Sua vida não faz mais sentido do que a vida de uma formiga, um pardal ou um gato. Vive por viver. É o desespero de viver a vida sem pé nem cabeça, sem começo nem fim. Pior de tudo: sem meio, sem sentido. Alguns existencialistas descrevem assim esta vida: “Você nunca está em casa”.

Como é diferente o ensino da Escritura! Jesus se apresenta no livro de Apocalipse como aquele que é o *Alfa* e o *Ômega*, o *princípio* e o *fim*. Foi ele quem deu início a tudo e é ele quem um dia vai colocar o ponto final na última linha da história. Mais que isso: ele se apresenta como aquele “que era, que é e que há de vir”. Ou seja, ele é eterno, está presente mesmo hoje e está voltando para assumir o que lhe pertence. Ele é o dono desta casa, do universo que ele mesmo criou. Os olhos da fé podem vê-lo em todo lugar. E você, está com ele em casa ou largado na rua da amargura, no mundo do desespero?

Verdade que liberta

Se vós permanecerdes nas minhas palavras, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

JOÃO 8.31-32

Palavras fortes do próprio Jesus! Ele, que é a Palavra de Deus encarnada, a intenção plena de Deus manifestada na forma de uma pessoa, afirma: “Você quer ser meu discípulo? Quer andar nos meus caminhos, me conhecer e me amar? Então permaneça nas minhas palavras”. Sem meio termo ou jeitinho, não tem como “colar” na prova do discipulado. Não dá para enganar o professor porque ele vê todas as coisas, até o íntimo do nosso coração.

Comecei muitas coisas em minha vida, e parei pelo meio: aulas de música e de inglês, esportes, relacionamentos... É mais fácil começar do que continuar, melhor prometer do que cumprir, mais manso ouvir palavras do que permanecer nelas.

Você quer ser discípulo de verdade? Leia as palavras de Cristo, conheça-as, estude-as, decore-as, obedeça-as; norteie sua vida por estas palavras. Permaneça nelas. Sabe para quê?

Para conhecê-lo. Ele é a verdade. Quando conhecemos a verdade, ela nos liberta... da culpa, do medo, das angústias. Porque a verdade que se manifesta em Cristo tem dois aspectos muito claros e fortes: primeiro, Deus está vivo e ativo; segundo, ele se interessa por nós e tem um plano cuidadoso para nossas vidas. Nestas duas verdades — a existência de Deus e a sua bondade —, a nossa fé encontra fundamento sólido para crescer e dar fruto. Se permanecermos nelas, jamais seremos abalados.

Sobre laranjas, limões e tangerinas

Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

MATEUS 7.17, 20

Certa vez recebi uma sacola cheia de frutos: laranjas, limões e tangerinas, entre outros. Colhidos no sítio de um amigo no dia anterior, estavam viçosos. As árvores das quais foram colhidos estavam plantadas bem próximas umas das outras.

As fruteiras dividiam as riquezas de um solo comum. Por suas raízes percorriam nutrientes semelhantes. Refrescavam-se juntas sob o orvalho da noite e nas mesmas chuvas. Recebiam do mesmo sol doações diárias de energia.

A natureza interior, contudo, era diferente. Da seiva bruta, as laranjeiras deram doces laranjas. Os limoeiros retribuíram com enormes e azedos frutos. As tangerineiras revelaram sua habilidade alquímica, produzindo frutos distintos e suculentos.

Algo semelhante ocorre com as pessoas. Vivendo no mesmo ambiente, a complexa natureza interior de cada um elabora frutos distintos.

A matéria prima recolhida da mesma fonte manifesta-se numa variedade de formas e sabores: frutos levemente adocicados, acidamente doces ou azedos, apenas azedos ou amargos.

Interessado por esses mistérios, Jesus indagou certa vez: “é possível colher uvas em espinheiros, ou recolher figos nos rochedos?” Depois concluiu: “Tampouco, frutos bons brotam de uma natureza má” (Mt 7.16-18).

Aproveite os recursos e as oportunidades dadas a você ao longo da vida, a começar por hoje.

A pomba e a serpente

Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas.

MATEUS 10.16

A pomba não fere nem amedronta ninguém. Simboliza ternura e paz. A serpente lembra a ameaça do bote inesperado. É símbolo de malícia e sagacidade.

Seguindo na Bíblia os passos de Jesus, nos encantamos com as cenas em que, cheio de ternura e compaixão, ele acolheu, compreendeu, perdoou e curou pessoas carentes. Por outro lado, frente aos escribas e fariseus, agiu com firmeza, devido a presunção e a falsidade deles (Mt 11.28; 23.13-33).

As crianças causaram-lhe especial consternação, recebendo abraços e bênçãos. Entretanto, Herodes, autoridade maior na região, foi alvo de palavras ásperas e contundentes (Mt 19.13-15; Lc 13.31-33).

Se Jesus conseguiu ser terno sem perder a capacidade de indignação, em nós esses aspectos mais conflitam do que se integram.

Ferimos os outros com dureza em demasia, quando poderíamos temperar nossos atos e falas com mais brandura e compreensão. Mas também erramos no excesso de tolerância. Queremos ser agradáveis para receber aceitação, quando deveríamos manifestar firmeza e inconformismo.

Quão rica seria nossa vida se integrássemos doçura e firmeza, compaixão e indignação!

É muito difícil trilhar os caminhos da integração. Ao olhar para Jesus, somos encorajados a buscar este alvo, lutando para superar nossos limites e contando com seu auxílio e companhia.

Com o dedo no gatilho

Eis que ponho diante de vocês o caminho da vida e o caminho da morte.
JEREMIAS 21.8

Imagine que todos nós carregamos em nossa personalidade uma daquelas velhas pistolas de dois canos e dois gatilhos. Nas experiências diárias, surge a oportunidade de acionar um ou outro dos gatilhos.

Quando vemos as carências das pessoas que nos rodeiam, vivemos o desafio de puxar o gatilho da *solidariedade*, com suas implicações, ou da *indiferença*, para escaparmos à responsabilidade.

Cada vez que surge uma chance de demonstrar quem somos por baixo da trabalhada aparência, optamos por detonar a *humildade* com coragem ou escapar disparando a *arrogância*.

Quando atingidos de modo incômodo por palavras ou atos de alguém, escolhemos acionar o *perdão*, para preservar a relação, ou engatilhar a *vingança*.

Quando a vida nos traz desafios, podemos projetar a *esperança* ou deixar explodir o *desânimo*.

Quando sabemos da queda de alguém, decidimos pelo gatilho da *misericórdia* ou pelo da *condenação*.

Quando erramos, escolhemos a *confissão* em busca do perdão ou, movidos pelo orgulho, preferimos a *simulação*.

Enquanto existimos, nossas palavras e atos tendem a demonstrar o *egoísmo* ou a escolha consciente do *amor*.

A vida é o produto de escolhas. Os gatilhos acionados com maior frequência determinam a qualidade de uma existência. Esta é uma questão central, pois estão em jogo consequências definitivas: *realização* ou *alienação*, *bênção* ou *maldição*, *vida* ou *morte*.

Que tal buscar acerto nas escolhas deste dia?